

A apreciação dos alunos como base do planejamento pedagógico das aulas de Música: um relato de experiência docente no PIBID Música Sobral

João Marcos Silva Sousa
Universidade Federal do Ceará
jmarcosmusica@gmail.com

Francisco Joelk Santos da Silva
Universidade Federal do Ceará
joelksantos@hotmail.com

Jéssica Cisne do Nascimento
Universidade Federal do Ceará
jesik_cisney@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência da atuação de bolsistas de iniciação à docência do PIBID Música da UFC em Sobral. Enquanto desenvolvem seu trabalho como educadores musicais, procuram investigar as melhores metodologias de ensino e formas de relacionamento entre professor-aluno que vêm de contextos sociais e culturais diferentes, de maneira que o discurso musical dos alunos seja respeitado e usado como base do planejamento das aulas, ao mesmo tempo em que procuram expandir os horizontes musicais e apresentar novos saberes e conhecimentos musicais aos alunos. Em um primeiro momento foi feita uma atividade em que os alunos mostraram suas preferências musicais e em seguida os professores traziam música de um repertório variado para apreciação dos alunos. É nessa troca de experiências que se constrói a melhor forma de planejar e apresentar as aulas. Os principais resultados alcançados foram uma aula feita em acordo com todos, em que não acontecem bloqueios de aprendizagem e nem resistências dos alunos ao repertório apresentado; assuntos como letramento musical, apreciação, teoria musical são apresentados de forma dinâmica e com eficácia de aprendizagem.

Palavras chave: educação musical, apreciação, planejamento

Introdução

O trabalho em sala de aula é feito de encontros, trocas de experiências e saberes. Os educadores têm sua bagagem musical, suas experiências em contextos culturais e sociais diferentes e trazem esse *background* para a sala de aula junto com o dever de expandir os horizontes musicais dos alunos, tornando-os conscientes do seu próprio discurso musical e mostrando o valor que a música tem ou terá nas suas vidas.

Cada aluno, porém, além de vir de um contexto social e cultural diferente, também tem, de forma consciente ou inconsciente, seu repertório musical adquirido das mais diversas formas ao longo de sua vida. Na maioria das vezes são preferências musicais distintas das de

seus professores, o que pode ocasionar alguma resistência ao repertório proposto em sala de aula. Swanwick corrobora com este apontamento ao afirmar que “cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega as nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música; eles são bem familiarizados com ela” (2003, p. 66-67).

O professor no decorrer da sua prática pedagógica em sala de aula, torna-se uma figura influente no processo de formação musical dos seus estudantes. Contudo, também corre o risco de impor uma determinada cultura e preferência estético-musical que lhe é própria – com estilos e gêneros musicais variados – em detrimento do repertório musical que é compreendido e mais próximo dos estudantes. Tal postura por parte do educador musical pode acarretar um bloqueio na experiência musical dos estudantes e frustrar os objetivos elencados para a musicalização e inserção do aluno em um nível crítico de consciência musical, ao invés de possibilitar ao estudante certa autonomia para a escolha dos caminhos que pretende trilhar musicalmente.

Swanwick (2003) valoriza o universo sociocultural e afetivo do aluno, orientando o professor a estimular a criança musicalmente tanto com padrões culturais associados ao seu contexto quanto ampliar esse universo permitindo o contato com diferentes gêneros musicais.

Uma vez que a aprendizagem parte do envolvimento direto com a prática musical, ampliar as vivências dos alunos é uma das estratégias pedagógicas deste projeto, produzindo familiaridade com um repertório que não faz parte do seu contexto, analisando possíveis significados avultados nas práticas e as relações estabelecidas com a música no contexto escolar (FREITAS, 2012).

Neste contexto, o presente trabalho descreve usos e aplicações de repertórios musicais variados na sala de aula, respeitando o discurso do aluno em suas experiências anteriores, contribuindo para ampliação do conhecimento musical destes estudantes.

Nesse sentido, pretende-se averiguar até que ponto essa relação de trocas de conhecimentos, informações e experiências musicais entre os professores/bolsistas de iniciação à docência (ID) e estudantes quanto a uma prática construtiva e harmoniosa em torno da experiência de apreciação musical, no contexto da sala de aula, contribuem para o amadurecimento crítico e reflexivo em Música.

Metodologia

As atividades desenvolvidas até o momento se dividem em duas fases: a descoberta do repertório dos alunos por parte dos professores e a apreciação dos alunos de músicas do contexto musical dos professores.

Uma estratégia pedagógica utilizada nesta primeira fase para exploração do discurso musical prévio do estudante foi a “Brincadeira do Repolho”, que consiste em várias folhas unidas em formato de bola, cada uma contendo uma palavra escolhida aleatoriamente, tais como céu, lua, rua, amor, carro, dinheiro entre outras. Enquanto toca-se uma canção, a bola vai passando pelos alunos e quando a música para, o aluno que estiver com a posse da bola retira um papel e tem um tempo determinado para cantar uma música que contenha aquela palavra.

Desta atividade percebeu-se uma predominância de canções de estilos variados tais como forró, funk, pagode, axé, sertanejo, gospel e brega. Constatou-se, assim, que a maioria das canções cantadas pelos estudantes são, em geral, as que estão em evidência na mídia através de rádio, novelas e programas variados.

A segunda atividade desenvolvida foi a apresentação de quatro músicas a serem apreciadas pelos alunos, acompanhada da distribuição de formulários para que os estudantes escrevessem suas impressões relacionadas esse momento de escuta em torno das músicas. As músicas trabalhadas foram: *As quatro estações* de Vivaldi; *Start me up* dos Rolling Stones; *Pedras que cantam* de Fagner e *Caraca Muleke* de Thiaguinho. Seguem algumas opiniões, bem como sensações e impressões dos alunos dentro da apreciação proposta:

Estudante A: *Não entendi, mas parece música de natal.*

Estudante B: *Música clássica, gosto dessa música, orquestra, violino.*

Estudante C: *Não entendi nada, não gostei, deu sono, anos 80.*

(Depoimentos catalogados sobre a apreciação da música “As quatro estações”, de Vivaldi).

Estudante A: *Gostei pois eu amo rock, me dá vontade de aumentar o som e pirar.*

Estudante B: *Ruim pra caramba, não gostei! Tem que colocar outra e rápido.*

Estudante C: *80, não gostei, mas tem a voz bonita, instrumento de bateria.*

(Depoimentos catalogados sobre a apreciação da música “*Start me up*”, dos *Rolling Stones*).

Estudante A: *Baião dá vontade de dançar o forró, igual a festa junina legal. O meu sentimento é ouvir as vezes.*

Estudante B: *Pé de serra, forró. Legal a letra, a verdadeira realidade, é legal, só tem a batida meio besta e mentira pois tem liso que mora na praia.*

Estudante C: *Gostei! É bom, dá pra dançar agarrado, som da sanfona, e alegria.*

(Depoimentos catalogados sobre a apreciação da música “*Pedras que cantam*”, do *Fagner*).

Estudante A: *Ultra, mega, muito legal. Adorei! fantástico! Dá vontade de cantar junto da música. Muito, muito, muito legal.*

Estudante B: *Gostei! dá vontade de dançar, gritar, correr na sala.*

Estudante C: *Gostei! É animada, dá pra dançar.*

(Depoimentos catalogados sobre a apreciação da música “*Caraca muleke*”, do *Tiaguinho*).

Resultados parciais encontrados

Um dos primeiros resultados alcançados é notar que os estudantes se sentem, talvez pela primeira vez, como sujeitos que podem expressar seu discurso musical sem julgamentos, de uma forma livre e espontânea. Esse é o primeiro passo para uma consciência crítica mais desenvolvida: eles aprendem que todos têm seu discurso musical e logo em seguida passam a atentar para a música, não de uma forma secundária, mas como algo que passará a ter maior importância nas suas vidas.

Nas palavras de Freire (1996), é dever não só dos educadores, mas da escola, respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela

– saberes socialmente construídos na prática comunitária. Neste sentido o educador musical deixa de ser a figura que transmite o conhecimento, e passa a ser um agente que desperta nos alunos os saberes musicais que, muitas vezes, eles já trazem intuitivamente.

Também é possível notar que muitos alunos têm uma opinião formada acerca de determinada música de forma intuitiva. Eles não conhecem as questões técnicas de determinado gênero, tais como: pulsação, cadências harmônicas ou detalhes históricos e literários das letras, mas declaram:

“Clássica, boa. Dá vontade de dançar. Dá vontade de ouvir outra vez.” (Depoimento do Aluno F sobre “As quatro estações”)

Esse tipo de percepção do aluno quanto à música abre portas para que o educador atento inicie um trabalho de desenvolvimento teórico, histórico e prático desse gênero para esse aluno, expandido suas possibilidades de aprendizado no estilo e facilitando um aprofundamento na área. Não há mais uma resistência inicial, porque o momento de apreciação revelou um aluno sedento por aquele novo conhecimento.

A percepção musical contrária também é válida quando um aluno declara a seguinte opinião:

“Não é muito legal, fiquei desanimada...” (Depoimento do estudante G sobre “As quatro estações”)

Portanto, é possível inferir que no conjunto destas experiências em educação musical, ficou clara a resistência ao estilo. Conhecendo de antemão o que o aluno aprecia e não aprecia, o educador guiará seu planejamento para que esse bloqueio seja evitado e que, de outras formas, o conteúdo planejado possa ser ampliado sem maiores prejuízos de aprendizagem.

Desse modo, conseguiu-se chegar a um dos objetivos propostos para a atividade de apreciação, concordando com o autor:

Um dos objetivos de aplicar a atividade de apreciação musical na educação básica é de desenvolver ouvintes atentos, que tenham capacidade de ouvir, refletir e posicionar-se musicalmente, desenvolvendo as potencialidades de suas percepções auditivas. Levar os alunos a ouvir atentamente, analisar, classificar, comparar, identificar diferentes fontes sonoras e elementos que constituem música e trabalhar diretamente favorecendo a concentração, despertar a sensibilidade, a imaginação e a criatividade (FREITAS, 2012).

O primeiro passo foi dado e feito de um modo que fugiu às velhas metodologias de ensino de música que poderiam se revelar excludentes em um ambiente de escola pública, em um bairro pobre e com crianças que só tem acesso à música pela mídia, que, com raras exceções, não preza por essa reflexão.

Referências

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução Alda de Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Lissandra Barcelar. *Apreciação Musical: Uma abordagem envolvendo funções e significados de práticas em sala de aula*. Brasília, 2012. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNB como requisito para aprovação no Curso de Licenciatura à Distância em Música, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.